



DESIGUALDADES DE GÊNERO NA ESCOLA: RELATOS DE PROFESSORAS E ALUNAS

Bruna de Oliveira Dias Barbosa¹
Evelyn Chieli Vasconcelos Silva²
Izaú Veras Gomes³

RESUMO

Este estudo tem como principal objetivo explicitar preconceitos e a desigualdade de gênero nas escolas, além de analisar e entender a importância das mulheres na educação e no processo formativo de estudantes. Através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tivemos a oportunidade de realizar entrevistas com professoras e alunas de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte e, com base nas informações coletadas, apontamos algumas reflexões sobre como essas desigualdades se manifestam nas interações cotidianas entre docentes e estudantes de diferentes gêneros dentro da escola, bem como o impacto dessas dinâmicas na educação e no desenvolvimento das alunas.

Palavras-chave: Gênero; Vivências; Educação; Transformação.

INTRODUÇÃO

A pauta da igualdade de gênero tem sido mais discutida e defendida nos últimos tempos, mas partir de nossas vivências no PIBID⁴ e em nossos estudos como acadêmicas do curso de Educação Física da UEMG Ibité, foi possível observar que essa desigualdade é presente desde os anos iniciais nas escolas, com professoras e até mesmo com as próprias alunas, demonstrando ser um preconceito enraizado e que urge por medidas de transformação, pois esse cenário vem a refletir no futuro nas futuras professoras.

Nesse panorama, alguns estudos tem refletido acerca das desigualdades de gênero como o de Almeida (2011), segundo ela, a educação é o lócus privilegiado para abordar problemas como a discriminação social, que é o pano de fundo para o exercício do poder levado às últimas instâncias. Para Viana e Unbehaum (2006), a educação não tem sido um campo privilegiado pelas reivindicações do movimento de mulheres, com exceção da luta por creches e pela educação infantil.

¹ Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Estadual - UEMG, bruna.edfisica11@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Estadual – UEMG, evelynchieli@gmail.com;

³ Doutorando em Educação – FaE/UFMG, professor da Rede Municipal de Belo Horizonte, MG, izau.veras@edu.pbh.gov.br

⁴ O PIBID é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.



É importante ressaltar os índices de mulheres ocupando cargos de direção na área educacional. Souza (2007) salienta que comparando a proporção entre o número de professores e o número de diretores, há um predomínio de homens nas direções e as mulheres com mais frequência nas salas de aula. Fato esse presente na Escola Municipal Pedro Aleixo, onde a pesquisa foi realizada, uma vez que atualmente a coordenação e a direção são administradas por homens e em contrapartida as mulheres são maioria entre o corpo docente.

Dentro do PIBID conseguimos acompanhar de perto as relações aluno-aluno e funcionário-aluno e com isso, concretizar nosso objetivo. Em seu trabalho, Altmann et al. (2018) trazem sobre as desigualdades expressas nas aulas de Educação Física e como elas têm motivado o desenvolvimento de um conjunto significativo de pesquisas sobre as relações de gênero presentes em turmas mistas – aquelas em que meninas e meninos fazem aulas de educação física juntos.

No presente trabalho vamos apresentar o alto índice de desigualdade entre os gêneros, principalmente na área educacional, acentuando os preconceitos e a desvalorização da identidade feminina. Mostraremos ainda estratégias para enfrentar essa problemática de gênero no âmbito da educação. Pretende-se com esse estudo aumentar a visibilidade para as questões sociais que envolvem as conquistas feministas e quebra de paradigmas impostos pela sociedade, conteúdo esse de grande valia para nós futuras professoras.

METODOLOGIA

Para a construção da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro de perguntas específicas para a temática direcionada para professoras – contendo questionamentos sobre o cotidiano na escola, as vivências das professoras na educação, os desafios encontrados na carreira e quais as possíveis alternativas para mudar essa realidade – e outro para estudantes – contendo perguntas sobre os conhecimentos acerca da desigualdade de gênero e as vivências dentro da escola referentes à essa temática.

Segundo Júnior e Júnior (2011), a entrevista pode desempenhar um papel vital para um trabalho científico se combinada com outros métodos de coleta de dados, intuições e percepções provindas dela, podem melhorar a qualidade de um levantamento e de sua interpretação. A entrevista nos possibilita conversas e esclarecimentos durante a seção de perguntas e respostas, nos aproxima da pessoa entrevistada, permitindo que a conheçamos de forma mais profunda.

A realização das entrevistas se deu da seguinte forma, entrevistamos algumas professoras pessoalmente, porém, devido a carga horária da sexta-feira – dia que realizamos o PIBID – não obtivemos o número de respostas que precisávamos; sendo assim, conseguimos enviar, por meio das redes sociais, as perguntas para as professoras, pedindo que fossem respondidas em forma de áudio para melhor compreensão do sentimento transmitido em cada resposta.

Na última semana antes do recesso escolar realizamos as entrevistas com as estudantes. Conseguimos entrevistar 10 alunas de diferentes idades e turmas, compreendidas entre 12 e 15 anos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apontamos aqui algumas reflexões sobre as desigualdades de gênero na educação a partir de diferentes contribuições teóricas. Para introduzir seu estudo, Almeida (2011) explicita as relações de poder ao longo dos períodos da história da sociedade, trazendo que

“O poder, nas suas várias interfaces sempre foi e continua sendo essencialmente masculino. Do ponto de vista histórico, a partir das décadas finais do século XX, as relações simbolicamente construídas entre os sexos foram abaladas nas suas estruturas pela emergência de um lado social feminino que rejeitou as noções solidificadas dos conceitos de superioridade e inferioridade.”. (Almeida, 2011, p. 166)

Para Lazzarini et al. (2018), na população mundial, o número de homens e mulheres pode ser considerado equivalente. Entretanto, a participação do gênero feminino em cargos majoritários é muito restrita, ou ainda, muito incipiente.

A desigualdade de gênero dentro da educação pode se dar de diversas formas, dentre elas, o sexismo e a manutenção dos padrões heteronormativos na prática educativa, os diferentes métodos de ensino e tratamento de acordo com o gênero e a fabricação do conceito do magistério como trabalho feminino. Louro (1997), traz em seu livro uma visão muito importante acerca da desigualdade de gênero dentro da prática educativa, onde eles:

parecem "precisar" de mais espaço do que elas, parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de "invadir" os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas". (Louro, 1997, p. 60)

Trazendo para nossa área de formação, Louro (1997) traz ainda que:

“A Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para manifestações de preocupação com relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação esteja presente em todas as situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo.” (Louro, 1997, p.74).

A autora explicita nesse capítulo os constantes machismos sofridos pelas alunas nas aulas de Educação Física e como a sociedade impõe que o corpo masculino deve ser mais preparado para a prática esportiva que o feminino.

Ainda sobre essa questão, Louro (1997) destaca ainda que a escola é majoritariamente masculina, expondo que é possível argumentar que:

“ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino — não apenas porque as diferentes disciplinas escolares se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação "científicos" e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos.” (Louro, 1997, p. 89)

Em seu trabalho, Louro (1997) explica porque o magistério é considerado socialmente como um trabalho feminino e explicita que:

“Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas.” (Louro, 1997, p. 96)

A autora comenta a visão social de que o magistério pode ser representado dentro dessas “tarefas femininas fundamentais”, destacando sua similaridade com a maternidade e o cuidar dos filhos, sendo assim, posto como profissão feminina.

Ainda sobre o campo da Educação Física, em seu estudo, Altmann et al. (2018) tem como metodologia principal a amostragem estratificada; esse método consiste em pesquisas que identificam diferenças e desigualdades de gênero no acesso de crianças e jovens à cultura corporal de movimento. As autoras trazem que a percepção dos meninos, de apoio recebido por parte de amigos(as) e da família à prática de atividades físicas e esportivas é maior do que aquela percebida pelas meninas. Os resultados das pesquisas trazidos pelas autoras são perceptíveis dentro do ambiente escolar,

“o incentivo familiar aos esportes e práticas corporais são consideravelmente maiores em relação aos meninos, fazendo com que a prática dessas atividades seja mais frequente e regular entre eles e possibilitando a eles uma experiência corporal mais intensa e significativa.”. (Altmann et al., 2018, p. 12)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das entrevistas, elencamos alguns temas que surgiram nas falas das professoras, como: o machismo, o desrespeito e a desigualdade, e também das estudantes, como: a exclusão, a desvalorização e os privilégios. Inicialmente, uma fala recorrente das professoras ao longo das entrevistas foi em relação ao tratamento com os alunos quando questionadas se o seu sexo influenciava na sua profissão. Com base nesse questionamento elas afirmam que esse fato permeia pelo dia a dia escolar e um exemplo básico seria a proximidade que as meninas constroem ao longo do tempo com as docentes e por isso acabam tendo mais liberdade de se expressar e dialogar quando se trata de uma professora mulher à frente da turma. De acordo com Louro (1997):

“Os discursos que se constituem pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos implicam a educação das mulheres — das mães. A esses discursos vão se juntar os da nascente Psicologia, acentuando que a privacidade familiar e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças.”.
(Louro, 1997, p 96)

De acordo com o exposto pela autora, a feminização da docência está diretamente ligada a funções pré-estabelecidas pela sociedade e dessa forma o magistério se atribui de funções tradicionalmente direcionadas as mulheres como: o amor, a sensibilidade e o ato de cuidar. Mas em contrapartida, o discurso de que a docência é uma profissão feminina é baseada em uma ótica machista e antiquada, segundo Salustiano e Souza (2018) numa visão estereotipada a mulher é vista como uma cuidadora de crianças, responsável pelo ensino da leitura e da escrita sem nenhuma perspectiva crítica do magistério.

Dando continuidade, quando perguntamos sobre a equidade de gênero dentro das escolas, foi perceptível uma divergência de opiniões entre as professoras o que explicitou que atualmente urge que os próprios profissionais tenham um olhar mais crítico sobre a realidade em que estão inseridos, a fim de promover um ambiente de respeito e de igualdade, assim como na fala de uma das professoras:

“a equidade deve começar pelos funcionários, de cima para baixo, claro em conjunto com os alunos, mas sinto falta de trabalhar a equidade com os profissionais da escola, pois eu tenho uma forma de dar aula, procuro trazer alguns temas diferentes, mas quando os alunos saem da sala de aula o resto da escola não está no mesmo intuito e aí surgem dificuldades”. (Professora 1, 2023)

Em relação as falas das estudantes, foi notável que a desigualdade de gênero é um assunto pouco discutido e apresentado a elas de maneira crítica. As alunas entrevistadas já

tinham em mente o conceito da disparidade de gênero, mas não visualizavam esse cenário dentro do ambiente escolar em que estão inseridas. Dessa forma algumas situações acabavam se tornando “comuns”. Um ponto importante a ressaltar é em relação a diferença de tratamento, assim como na fala das professoras anteriormente, a partir da visão das alunas o tratamento que os alunos têm com uma professora mulher é diferente do tratamento com um professor homem, assim como citado por uma das estudantes: “elas não têm voz, se uma professora entra na sala e pede silêncio ninguém respeita, mas se um professor homem entra na sala imediatamente todos fazem silêncio, principalmente na Educação Física.” Essa fala evidencia que mesmo que o cargo seja igualitário em alguns quesitos, principalmente quando se trata de um professor concursado onde ambos os sexos possuem a mesma faixa salarial e direitos trabalhistas, outras questões sociais interferem na sua atuação, assim como afirma Bernardes e Guimarães (2019):

“as diferenças de gênero são construídas social e historicamente, a partir de um padrão normativo, pela ótica de um pensamento dominante, gerando com isso desigualdades no reconhecimento e no acesso aos direitos que lhes garantem igualdade de oportunidades.” (Bernardes e Guimarães, 2019, p. 7)

Em virtude dos fatos mencionados, fica evidente a importância da continuidade desses estudos para a ampliação das reflexões sobre as desigualdades de gênero e estratégias para o combate ao sexismo nas escolas. Os relatos das participantes demonstram que as professoras desempenham um papel fundamental na formação de seus alunos, mas a luta por espaço e respeito é constante e para que esse objetivo seja alcançado, toda a equipe docente deve ter ciência desse cenário e trabalhar em conjunto para que as medidas cabíveis sejam tomadas e todos tenham os seus direitos respeitados e legitimados na prática. Ademais, é de extrema importância inserir os estudantes nas lutas pela igualdade e pela educação, assim como cita Louro (1997 p. 64) é “indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem”, dessa forma a educação deve ser um agente transformador na sociedade, contemplando a pluralidade da diversidade nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou explorar e compreender as desigualdades de gênero no ambiente escolar, a partir dos relatos de professoras e alunas. As entrevistas explicitaram as

dificuldades que as docentes e discentes enfrentam enquanto meninas e mulheres no âmbito educacional.

Com as professoras conseguimos compreender as desigualdades existentes com relação ao mercado de trabalho e oportunidades empregatícias e as alunas nos trouxeram visões de tratamento em sala de aula, escolha de profissões e a exclusão das discentes em algumas disciplinas ou atividades.

Dessa forma, concluímos que enfrentar as desigualdades de gênero no ambiente escolar requer um compromisso contínuo e coletivo. As conversas e discussões que tivemos principalmente com as estudantes durante as conversas foram importantes para que elas pudessem se reconhecer enquanto personagens de uma sociedade machista e de um ambiente escolar com práticas sexistas e estarem atentas à combater essas situações, porém, a conscientização gerada por este trabalho serve apenas como ponto de partida para alcançarmos uma escola mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Izaú Veras Gomes pela oportunidade e apoio durante todo o processo de construção desse trabalho.



REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena *et al.* Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, n. 1, 15 jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n144074>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BERNARDES, Carliene Freitas da Silva; GUIMARÃES, Selva Fonseca. Quando homens e mulheres assumem a direção: as diferenças de gênero na gestão escolar. *Revista Profissão Docente*, v. 19, n. 40, p. 01-18, 7 jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31496/rpd.v19i40.1284>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FRANCISCO DE BRITTO JÚNIOR, Álvaro; FERES JÚNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/46048028/Como_fazer_uma_entrevista_livre.pdf?1464550583=&responsecontentdisposition=inline%3B+filename%3DA_utilizacao_da_tecnica_da_entrevista_em.pdf&Expires=1691026544&Signature=HYwdLiraWDOfdzHp2lhGJ~jGeredmWG5WioAtMZ3U6tDCBLJ4JpIEj9lqTBeT~0a2SHmTICB0yWwXXrhJktn eILGtRKUu4nMkqzCIvw~P9YpheN5blF6wwTKyygi7tNET3GAFMcEuEndQNhaDRz9K05iYvOSH0U~NZtspBflnpjsdPPonHydZiZ2TSAZx83QWK3cYlQLHyccI4a3Cc64ze8MvS6U1WVKLPqp7G9hvQCege2BpVSmxNtAspeviAbZIHXYf7b9SNP4Hdkx0ujZ3o5jB8DDoy451PHXh2lGX0VIENIjkTTAb4IcITZM81GkfrAzGMFAIK0dc~g__&Key-PairId=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 27 jul. 2023.

LAZZARINI, Ana Beatriz *et al.* MULHERES NA CIÊNCIA: PAPEL DA EDUCAÇÃO SEM DESIGUALDADE DE GÊNERO. *Rev. Ciênc. Ext*, v. 14, n. 2, p. 188-194, 2018. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1717/2019. Acesso em: 15 jun. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997. ISBN 8532618626.

PROFESSORA 1. Entrevista concedida a: Desigualdades de gênero na escola: Relatos de professoras e alunas. *Belo Horizonte*, 7 de julho, 2023.

SOARES DE ALMEIDA, Jane. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. *The relations of power in gender inequalities in education and society*. Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, v. 1, n. 31, p. 165-181, 11. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/132/251>. Acesso em: 15 jun. 2023.

VIANNA, CLAUDIA; UNBEHAUM, SANDRA. GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: QUEM SE IMPORTA? UMA ANÁLISE DE DOCUMENTOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 95, p. 407-428, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/tvM8tSBBsjzPkkZJyLcK4DS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2023.